

Libras no curso de pedagogia: análise de fatores que interferem no processo de ensino-aprendizagem

Libras in the pedagogy course: analysis of factors that interfere in the teaching-learning process

Libras en el curso de pedagogía: análisis de factores que interfieren en el proceso de enseñanza-aprendizaje

Josiane Junia Facundo**

Célia Regina Vitaliano**

Resumo

Este texto é parte de um estudo mais amplo, que buscou avaliar o processo de implementação da disciplina de Língua Brasileira de Sinais (Libras) na grade curricular do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). O objetivo do presente artigo é apresentar as análises dos fatores que envolveram o processo de ensino-aprendizagem e que contribuíram ou dificultaram o desenvolvimento dessa disciplina. Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semiestruturada com a docente da disciplina de Libras e da aplicação de um questionário junto a 90 estudantes de Pedagogia, após cursarem a referida disciplina. A análise dos dados se pautou, em especial, no Decreto nº 5.626/2005, que regulamenta a Lei nº 10.436/2002 – lei de reconhecimento da Libras. Os resultados evidenciaram que as maiores dificuldades em relação ao ensino da Libras foram: a carga horária da disciplina; a quantidade de alunos por turma; o excesso de atividades paralelas à disciplina; e dificuldades específicas como coordenação motora e memorização. Quanto aos aspectos positivos, destacam-se o apoio didático e os recursos visuais que auxiliam nas aulas e facilitam a compreensão dos estudantes. Avaliamos que as análises apresentadas contribuem para identificação das condições que facilitam e dificultam o desenvolvimento da disciplina de Libras.

Palavras-chave: Disciplina de Libras. Pedagogia. Ensino-aprendizagem. Decreto nº 5.626/2005.

Recebido em 20/03/2020 – Aprovado em 10/10/2020

<http://dx.doi.org/10.5335/rep.v27i3.12388>

* Mestre em Educação, docente do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Tocantins. Doutoranda no Programa de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina/PR. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9102-8281>. E-mail: josiane.almeida@yahoo.com.br

** Doutora em Educação, professora Doutora Assistente da Universidade Estadual de Londrina. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina/PR. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8757-4204>. E-mail: reginavitaliano@gmail.com

Abstract

This text is an excerpt from a larger study, that sought to evaluate the Libras major implementation process in the Pedagogy Course curriculum in Londrina State University- UEL. The purpose of these paper is presenting the factors analysis that involved the teaching-learning processes and contributed to or hindered the major progress. Data were collected through a semistructured interview with the professor and questionnaire to 90 Pedagogy students, after they attended that major. The data analysis was based, in particular, on Decree 5.626/2005, which regulates Law 10.436 of 2002 – Libras Recognition Law. Results showed that the greatest difficulties in relation to the Libras teaching were timeload; amount of students per class, parallel activities excessive to the major one, and specific difficulties such as motor coordination and memorization. As for the positive aspects, we highlight the didactic support and the visual resources that aid in the classes and facilitate the students understanding. We evaluated that analyzes presented could contribute to identify conditions that make Libras progress easy or difficult it.

Keywords: Libras Major. Pedagogy. Teaching-learning. Decree 5.626/2005.

Resumen

Este texto es parte de un estudio más amplio, que buscó evaluar el proceso de implementación de la asignatura de Libras en el plan de estudios del curso de Pedagogía de la Universidad Estatal de Londrina-UEL. El objetivo de este artículo es presentar el análisis de los factores que involucraron el proceso de enseñanza-aprendizaje y que contribuyeron o dificultaron el desarrollo de esta disciplina en el referido curso. Los datos fueron recolectados a través de una entrevista semiestructurada con el docente de la asignatura Libras y la aplicación de un cuestionario a 90 estudiantes de Pedagogía, luego de cursar dicha asignatura. El análisis de los datos se basó, en particular, en el Decreto 5.626/2005, que regula la Ley 10.436 de 2002 – ley de reconocimiento de Libras. Los resultados mostraron que las mayores dificultades en relación a la enseñanza de Libras fueron: la carga de cursos; el número de alumnos por clase, el exceso de actividades paralelas a la asignatura y dificultades específicas como la coordinación motora y la memorización. En cuanto a los aspectos positivos, se destaca el apoyo didáctico y los recursos visuales que ayudan en las clases y facilitan la comprensión de los alumnos. Creemos que los análisis presentados contribuyen a la identificación de condiciones que facilitan y dificultan el desarrollo de la asignatura Libras.

Palabras clave: Asignatura de Libras. Pedagogía. Enseñanza-aprendizaje. Decreto 5.626/2005.

Introdução

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), embora seja a língua da comunidade de surdos no Brasil desde a existência dessa comunidade, só foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão muito recentemente, por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Esse reconhecimento se deve à luta da comunidade de surdos, que, através de lideranças surdas, organizou várias mobilizações pelo país desde a década de 90. Um ganho ainda maior, contudo, se reflete no Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, o qual veio regulamentar a referida lei. Esse decreto ressalta a oferta de ensino bilíngue para surdos e estabelece algumas diretrizes para alcançar tal objetivo.

Uma das principais medidas previstas no decreto vem ao encontro da formação de professores para atuar junto aos alunos surdos, que diz respeito à inclusão da disciplina de Libras como obrigatória nos currículos das licenciaturas, no curso de Fonoaudiologia e no curso de Pedagogia (BRASIL, 2005). No parágrafo único, do artigo 9º, do capítulo III, o decreto traz a seguinte determinação: “O processo de inclusão da Libras como disciplina curricular deve iniciar-se nos cursos de Educação Especial, Fonoaudiologia, Pedagogia e Letras, ampliando-se progressivamente para as demais licenciaturas” (BRASIL, 2005, não paginado).

Essa medida exigiu a reorganização dos referidos cursos quanto à adequação de sua matriz curricular, bem como da abertura de processos seletivos e concursos públicos para a contratação de docentes para ministrarem a disciplina de Libras.

Depreendemos que a análise de situações de ensino-aprendizagem de Libras é fundamental para que, por meio do conhecimento dos aspectos favoráveis e desfavoráveis ao processo, se encontre as estratégias que facilitem o trabalho do professor e resulte na aprendizagem efetiva dos graduandos.

Considerando que o Curso de Pedagogia deveria ser um dos primeiros a incluir a disciplina em sua matriz curricular, e ainda o fato de ter sido o primeiro curso a atender essa determinação na Universidade Estadual de Londrina (UEL), foi escolhido como campo de estudo para nossas análises.

No que se refere a Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, o decreto determina que, as instituições federais, responsáveis pela educação básica, para garantir a inclusão de alunos surdos, devem organizar “escolas e classes de educação bilíngue”, que abriguem tanto alunos surdos como alunos ouvintes, dispondo de professores bilíngues. Para os anos finais do ensino fundamental, para o ensino médio ou profissionalizante, o decreto prevê “escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes” nas quais os docentes das diferentes áreas tenham conhecimento da “singularidade linguística dos alunos surdos”, além da presença de tradutores e intérpretes de Libras para acompanhar esses alunos nesse espaço (Art. 22).

A motivação para o estudo surgiu da necessidade de acompanhar as primeiras turmas da disciplina de Libras, e, principalmente, por se tratar de uma professora surda; o que tornava a situação duplamente inédita nessa universidade.

Assim, nossa pesquisa se configurou como um Estudo de Caso, em que foram analisadas quatro turmas do curso de Pedagogia por meio de questionário, aplicado aos estudantes e entrevista semiestruturada junto à professora de Libras.

O problema que deu origem a essa pesquisa foi: quais fatores contribuem para o ensino-aprendizagem da disciplina de Libras; e quais interferem nesse processo?

Tais indagações culminaram no seguinte objetivo geral: identificar fatores que interferem no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Libras no curso de Pedagogia.

No referencial teórico, a seguir, buscamos analisar o processo do desenvolvimento da Libras até sua inserção nos currículos de formação de professores, por meio do decreto 5626/05. Na sequência, trazemos as análises do desenvolvimento da disciplina de Libras, bem como a discussão dessas, ancorada em bases teóricas referentes aos fatores favoráveis e desfavoráveis ao processo de ensino-aprendizagem da Libras.

A instituição da Libras

Nas referências históricas acerca das línguas de sinais no mundo não encontramos citações que precisem o surgimento dessa modalidade linguística, sendo consenso o fato de que as línguas de sinais sempre existiram e coexistiram com as línguas orais. No entanto, os estudos dessas línguas são recentes e têm crescido significativamente nas últimas décadas.

De acordo com Quadros (2004), os estudos sobre Língua de Sinais no Brasil se deram a partir do trabalho de Gladis Knak Rehfeldt, “Linguistics bases for the description of Brazilian Sign language”, publicado no livro “The sign language of Brazil”, editado por Harry W. Hoemann, em 1981.

Contudo, a publicação do documento mais importante encontrado até hoje sobre a Libras, segundo Ramos (2003), é de 1873, o *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, de Flausino José da Gama, um aluno surdo do Instituto Nacional de Surdos-Mudos (INSM).

O material reproduzido por Flausino da Gama é um livro de língua de sinais com ilustrações de sinais separados por categorias (animais, objetos, etc.). Ramos (2003) observa que, de acordo com o que está impresso no prefácio do livro, a inspiração para o trabalho veio de um livro publicado na França e que se encontrava à disposição dos alunos na Biblioteca do instituto (atual INES).

Em 1968, a publicação de um artigo de Kakumusu, J. Urubu Sign Language evidenciou que haveria pelo menos outra língua de sinais no Brasil, utilizada pelos índios Urubus- Kaapor. A partir desse dado, linguistas brasileiros, como Ferreira Brito, passaram a se interessar pelos estudos da Libras. A partir de 1982, essa

linguista começou a documentar os sinais da Língua de Sinais Kaapor Brasileira -LSKB, como a denominou, diferenciando-a da Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros -LSCB (SOFIATO, 2005).

A denominação Libras se deu a partir do II Congresso Latino Americano de Bilinguismo para Surdos, realizado em 1993, em substituição à denominação LSCB, posto que LSCB era o termo utilizado apenas em pesquisas linguísticas e Libras era o termo utilizado pela comunidade surda. Antes disso, era comum o termo “linguagem de sinais”, “linguagem dos surdos-mudos”, entre outros.

As línguas de sinais, hoje, são consideradas pela linguística, não mais como um problema do surdo ou uma patologia da linguagem, mas como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo.

Quadros e Karnopp (2004, p. 46) mencionam que embora a denominação Libras seja utilizada para se referir à língua de sinais utilizada no Brasil, existe também a sigla LSB (Língua de Sinais Brasileira), “utilizada internacionalmente, seguindo os padrões de identificação para as línguas de sinais”. No Brasil, o processo de reconhecimento legal da Libras iniciou-se a partir da década de 1990, com algumas iniciativas estaduais que antecederam a lei federal.

O primeiro estado brasileiro, cuja legislação incluiu a Língua de Sinais utilizada pela comunidade surda, foi Minas Gerais, a partir da Lei nº 10.379, de 10 de janeiro de 1991, a qual reconhece, oficialmente, no estado de Minas Gerais, como meio de comunicação objetiva e de uso corrente, a linguagem gestual codificada na Libras.

Todavia, a Libras só foi reconhecida oficialmente no país onze anos mais tarde, pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, sendo regulamentada somente três anos depois pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.

O reconhecimento da Libras resultou de iniciativas das comunidades de surdos espalhadas pelos diversos Estados brasileiros. Além do mais, o processo de legitimação dessa língua se deve a outros fatores, tais como: o avanço dos estudos linguísticos sobre línguas de sinais no mundo; as contribuições dos estudos surdos que permitem perceber as pessoas surdas como pertencentes a grupos linguístico-culturais; e às políticas de inclusão educacional a partir da década de 90.

A Libras como disciplina curricular obrigatória

Com a regulamentação da Libras, por meio do Decreto 5.626, de 22 de dezembro, de 2005 surgem medidas significativas para à educação de surdos no Brasil.

Entre tantas questões contempladas no decreto, encontra-se a instituição da Libras como disciplina curricular nos cursos de formação de professores.

O capítulo segundo desse Decreto traz as seguintes determinações:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto (BRASIL, 2005, não paginado).

Essa medida mexeu, substancialmente, na estrutura dos cursos de Pedagogia e demais licenciaturas nas universidades públicas e privadas. Instalou-se um novo cenário, visto que até esse momento a Libras era desconhecida pela grande maioria dos professores. A perspectiva de alguns educadores da área se mostra bem positiva, em relação à implantação de tal medida. Como se pode observar nas considerações de Strobel (2008, p. 102):

São raros os professores habilitados para trabalhar com os alunos surdos em sala de aula. Na maioria dos cursos de Pedagogia nas universidades não tinham estas especializações para esta área- somente agora salvo pelo decreto n. 5626, de 22 de dezembro de 2005 que dá obrigatoriedade das aberturas de cursos de Libras nestes cursos, as coisas podem melhorar.

O fato de a disciplina de Libras ser obrigatória nos cursos de formação de professores pode ter dado a entender que o professor regente deverá ministrar suas aulas em Libras, o que seria tecnicamente impossível (BOTELHO, 2007). Além do mais apropriar-se efetivamente da Língua de Sinais, assim como de qualquer outra língua, requer muito mais que um semestre de curso.

Os aspectos linguísticos da Libras são, de fato, importantes, tal como enfatizados por Quadros e Campello (2010, p. 37) que ao referir-se a disciplina de Libras nos cursos de Letras e Pedagogia de uma Universidade, consideram que a proposta da disciplina nesses cursos tem como objetivo proporcionar conhecimentos básicos de Libras, além de contemplar as especificidades referentes a cada área de conhecimento no que diz respeito aos sinais. As autoras ainda ressaltam que “a comunicação básica em Libras e os conhecimentos construídos a partir do curso possibilitarão uma relação entre professor e os alunos surdos no contexto da educação regular”.

Por desconhecimento das características da Língua de Sinais e da lógica nos “equivocos” de produções escritas de alunos surdos, alguns professores acabam acreditando que a dificuldade de domínio na língua padrão seja de ordem cognitiva (BOTELHO, 2007, p. 20). Daí a importância de compreender a estrutura da língua de sinais e especificidades do aluno surdo: para realizar uma avaliação mais coerente do processo de aprendizagem desses alunos, bem como a intervenção adequada, que considere a sua singularidade.

Essa singularidade está expressa no Decreto nº 5.626/2005, que, em um dos perfis de formação, traduz o que se espera do professor que irá atuar junto a outros profissionais, com o aluno surdo, no que se refere ao “professor regente de classe com conhecimento acerca da singularidade linguística manifestada pelos alunos surdos” (CAPÍTULO IV, art. 14º).

Essa condição do aluno surdo justifica a inserção da disciplina de Libras na formação de professores e deveria nortear os planejamentos da disciplina, principalmente a seleção de conteúdos que serão ministrados, cuidando desse modo para que a disciplina não se equipare a um curso básico de Libras, mas que vá além do ensino dessa língua (que é indubitavelmente essencial para a formação de professores), contemplando aspectos cognitivos e pedagógicos fundamentais ao trabalho docente. No que se refere ao atendimento ao aluno surdo, Damázio (2007, p. 14) ressalta que:

Mais do que a utilização de uma língua, os alunos surdos precisam de ambientes educacionais estimuladores, que desafiem o pensamento, explorem suas capacidades, em todos os sentidos. Se somente o uso de uma língua bastasse para aprender, as pessoas ouvintes não teriam problemas de aproveitamento escolar, já que entram na escola com uma língua oral desenvolvida.

Nesse sentido, asseveramos que os aspectos pedagógicos para a educação de surdos merecem destaque na disciplina de Libras, com conteúdos e estratégias que vão ao encontro do desenvolvimento cognitivo do aluno surdo.

Além desses, há outros fatores importantes a serem considerados, como os propostos por Dias, Silva e Braun (2009, p. 107) sobre a “necessidade de maior colaboração entre professores e especialistas (quando houver) que participam do cotidiano escolar, para a organização de atividades que apresentem ações e propostas eficazes às necessidades de todos os alunos”.

Consideramos, portanto, que investir na formação de professores, tanto inicial como continuada é a melhor forma de sanar as deficiências relacionadas à educação de alunos surdos, seja na escola bilíngue ou em classes comuns, visto que, quase

todos os fatores que interferem para que o processo de inclusão seja efetivo estão ligados a atitudes e práticas cotidianas em sala de aula, seja referente à didática do professor, às relações sociais deste para com os alunos ou as relações que ele pode mediar entre esses.

Conquanto, algumas questões precisam ser levantadas e discutidas para que o processo de implementação da Libras nos cursos de Pedagogia tenha maior êxito, entre as quais podemos elencar o modo pelo qual se tem dado o ensino da disciplina de Libras na formação dos estudantes; quais conteúdos são abrangidos; as dificuldades encontradas no processo de ensino aprendizagem; os fatores que têm favorecido tal processo, entre outros. Esses últimos são o foco de nosso estudo, apresentado nesse texto.

A seguir, detalhamos os procedimentos utilizados para a coleta e análise dos dados, que levaram aos fatores favoráveis e desfavoráveis ao andamento da disciplina, enfatizados no estudo.

Método

O estudo apresentado aqui se caracteriza de natureza qualitativa, configurando-se como é “um conjunto de diferentes técnicas interpretativas, que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados” (NEVES, 1996, p. 1). Trata-se de um estudo de caso, em que foram analisadas 4 turmas do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina.

Os participantes foram os estudantes das quatro turmas do 4º ano do curso de Pedagogia, totalizando cento e dezenove, e a professora de Libras que ministrava a disciplina em todas as turmas do referido curso.

A disciplina teve duração de um semestre com carga horária de 60 horas; estava alocada no último semestre do curso de Pedagogia e dividia espaço com as disciplinas de Estágio Supervisionado, Trabalho de Conclusão de Curso entre outras.

A coleta de dados foi realizada por meio da técnica de entrevista semiestruturada junto à professora ministrante da disciplina de Libras e da aplicação de um questionário, junto aos graduandos de Pedagogia, que encontravam-se em fase de finalização do curso, sendo este aplicado após os graduandos participarem da disciplina de Libras, disposta na grade curricular no último semestre do curso.

Ao todo foram aplicados 90 questionários, visto que nem todos os alunos estavam presentes no momento da aplicação. Os questionários foram entregues no início da primeira aula, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido,

e recolhidos no final da última aula. Ainda assim, o total de questionários respondidos foi 40, devolvidos em branco 17 e não devolvidos 33.

A professora entrevistada era surda, por isso a entrevista se deu em Libras, sendo filmada e posteriormente traduzida para a língua portuguesa, a fim de facilitar as análises.

Resultados e Discussão

Os dados a seguir apresentam as principais dificuldades encontradas no processo de ensino-aprendizagem da Libras, bem como aponta alguns fatores que favoreceram esse processo.

Fatores agravantes e facilitadores no ensino-aprendizagem da Libras

A composição de disciplinas de línguas estrangeiras no currículo de cursos do Ensino Superior não é novidade, sabe-se que, principalmente a língua inglesa marca presença em boa parte dos cursos, embora, esse não seja o caso dos cursos de formação de professores.

No entanto, ao chegar no ensino superior, a maioria dos alunos já possui conhecimentos prévios, ao menos o básico da língua estrangeira cursada no ensino médio. O êxito de alguns alunos em detrimento de outros se dá pelo maior ou menor contato com o idioma.

Essa realidade não acontece com a Libras, visto que muitos alunos que cursam a disciplina no Ensino Superior nunca tiveram contato anteriormente com a língua. Isso pode justificar algumas dificuldades encontradas durante o processo de ensino-aprendizagem, levando em conta o fato de que essa língua possui uma estrutura sintática diferente da língua portuguesa, além da modalidade gestual-visual que não é comum às pessoas ouvintes.

Buscamos identificar, assim, por meio do questionário, se os alunos do curso de Pedagogia já possuíam algum conhecimento acerca dessa língua, de que modo adquiriram os conhecimentos e quais os conhecimentos que possuíam.

Do total de alunos que participaram da pesquisa, 30% afirmaram possuir conhecimentos prévios sobre a Libras, sendo que destes, 33,3% relataram ter adquirido esses conhecimentos por meio do contato com pessoas surdas, enquanto 16,6% adquiriram por outros meios como livros e realização de cursos, como se pode observar pelos relatos:

Tenho um primo de 18 anos que é surdo. Sempre tive muito contato com eles (A4).

Tenho uma conhecida que é surda (A20).

Convivência com alguns surdos (A37).

Dos alunos participantes, 50% especificaram os tipos de conhecimento que possuíam em relação à Libras, sendo que 33,3% dos alunos se referiram a conhecimentos práticos da língua, 33,3% aos conhecimentos teóricos e 33,3% tanto conhecimentos práticos quanto teóricos. Os outros 50%, embora tenham afirmado possuir conhecimentos a respeito da Libras antes de cursarem a disciplina, não especificaram o que conheciam.

Entre os conhecimentos que os alunos afirmaram ter adquirido antes do curso, temos:

Apenas o alfabeto manual e alguns pontos sobre a educação dos surdos e a conquista da oficialização da Libras como 1ª língua desses sujeitos (A12).

Apenas que a Libras é uma língua de sinais usada para a comunicação de surdos/mudos (A32).

Apenas as letras do meu nome no alfabeto manual (A18).

Alguns sinais (A39).

Os conhecimentos prévios apresentados pelos participantes, como pudemos observar, eram mínimos, sendo que poucos afirmaram ter adquirido por meio do contato com pessoas surdas, membros da família, conhecidos e outros. Esses conhecimentos se restringiam ao alfabeto manual, em alguns casos apenas algumas letras do alfabeto (A18) e em outros, apenas sinais isolados. Somente um aluno afirmou ter feito um curso de Libras, o qual afirma:

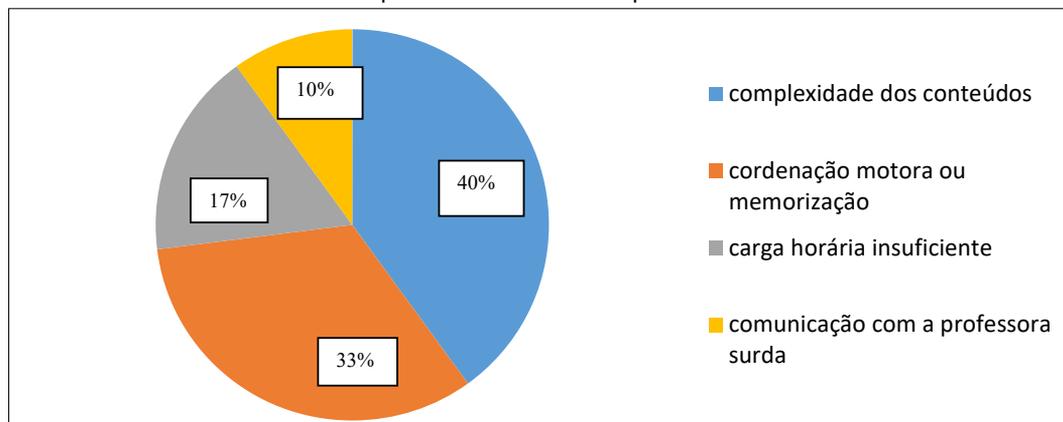
Por não praticar guardei poucas coisas (A20).

Em relação às dificuldades que vivenciaram no decorrer da disciplina de Libras, 52,5% dos alunos participantes responderam que não tiveram dificuldades, 45% afirmaram ter alguma dificuldade e 2,5% não se manifestaram.

Entre as dificuldades citadas identificamos dificuldades em função da complexidade dos conteúdos, dificuldades relacionadas à coordenação motora ou memorização; dificuldade de aprendizagem devido à carga horária da disciplina; e dificuldades de comunicação com a professora surda. Esta última justificada pela falta de intérpretes.

O Gráfico 1, a seguir, retrata as principais dificuldades encontradas pelos alunos, em percentual.

Gráfico 1 – Dificuldades encontradas pelos estudantes na disciplina de Libras



Fonte: elaboração dos autores.

Elencamos entre as respostas dos alunos participantes as que melhor justificam a dificuldade citada:

Falta de coordenação motora. Dificuldade em memorizar os sinais (Aluno 1).

A linguagem de sinais é bastante complexa (Aluno 2).

Porque requer um estudo mais profundo em relação a Libras, tivemos no último ano da faculdade e isso deixou a desejar muito conteúdo para todas (Aluno 3).

A questão da carga horária tem sido bastante questionada, tanto por alunos como professores. Sabemos que a aquisição de uma língua requer muito mais tempo do que um semestre. A esse respeito Martins (2008, p. 195) salienta que não se pode tornar “superficial o ensino da língua de sinais, tomando uma única disciplina semestral, como manual de inclusão dos surdos na escola e na sociedade”.

Entendemos, contudo, que a disciplina de Libras não se restringe ao ensino da Libras, tendo em vista o contexto educacional em que esses pedagogos irão atuar, é imprescindível a abordagem de conteúdos relacionados à educação de alunos surdos. Não podemos negar que o tempo da disciplina é insuficiente para adquirir fluência em Libras, porém, a formação de intérpretes de Libras exige um curso em nível de graduação próprio. Além disso, há questões que permeiam a educação de surdos, que não podem ser ignoradas na formação de professores e pedagogos.

A pesquisa de Pereira (2008), acerca da implementação da disciplina de Libras no Ensino Superior, demonstra, a partir do relato de coordenadores de alguns cursos de pedagogia, que a única disciplina que aborda a temática da educação de surdos nos referidos cursos é a Libras. Desse modo, é inegável o papel da disciplina de formar professores regentes que conheçam a surdez e suas especificidades, que envolvem questões linguísticas, culturais, cognitivas e pedagógicas, além de conhecimentos básicos da língua, considerando a importância de “professores com formação adequada para o trabalho pedagógico, o qual possui como condição básica, a comunicação” (TAVARES; CARVALHO, 2010, p. 8).

Vale ressaltar que, alguns alunos, mesmo tendo afirmado não encontrar dificuldades na disciplina, acabaram apontando-as na justificativa, como podemos observar nos relatos a seguir:

Não. Mas os colegas sim, pois a apostila utilizada não dava conta de *me* apoiar nos conteúdos ministrados em sala (Aluno 4). [grifo nosso]

Não. Dificuldade não, porém é muita coisa para aprender em apenas 1 semestre (que foi o tempo que tivemos) (Aluno 5).

O aluno 4, embora tenha negado dificuldades na disciplina, deixa explícito que não conseguia acompanhar o conteúdo, mesmo tendo a apostila como apoio.

A maioria dos alunos que respondeu não apresentar dificuldades na disciplina, também não apresentou justificativa de sua resposta, tendo em vista que a questão não exigia justificativa, no caso do participante assumir que não teve dificuldades em realizar a disciplina.

Quadros e Campello (2010) ressaltam que a proposta da disciplina de Libras no Curso de Pedagogia é de oferecer conhecimentos básicos dessa Língua. Depreendemos que o nível de aquisição da língua de sinais esperado e trabalhado na disciplina de Libras do curso analisado, tenha sido o básico, tendo em vista o tempo da disciplina e os conteúdos teóricos abordados. Este, provavelmente tenha sido o motivo pelo qual 52,5% dos participantes relataram não encontrar dificuldades, pois a aprendizagem de qualquer língua é complexa. Pensar que a língua de sinais seria diferente é banalizá-la. Além do mais não se pode ignorar que boa parcela dos alunos, mesmo em relação aos conhecimentos básicos da língua de sinais, admitiu encontrar dificuldades.

Reily (2008) comenta sobre o mito de que “é fácil aprender a língua de sinais”, pois, assim como não é fácil para o surdo aprender a língua portuguesa, o inverso também ocorre.

Em relação à aprendizagem da Língua de Sinais, além das questões estruturais ou gramaticais, comuns à aprendizagem de outras línguas, são necessárias habilidades motoras e expressivas, o que dificulta ainda mais a aprendizagem dessa língua. Além disso, a memorização dos sinais é também destacada como uma das principais dificuldades. Por isso, o ensino de Libras, tanto como primeira língua (L1) quanto como segunda língua (L2), parece fundamental o uso de recursos visuais, visto que se trata de uma língua visual. Como considera Damázio (2007, p. 38), “a qualidade dos recursos visuais é primordial para facilitar a compreensão do conteúdo curricular em Libras”.

O uso da apostila também parece indispensável quando se trata do ensino de Libras, pois, como mostram as pesquisas de Gesser (2006), existe uma necessidade de registrar os sinais por parte dos alunos ouvintes, que sentem dificuldade de memorizá-los depois, se não houver um registro. A ausência do registro os deixa inseguros e o professor, por outro lado, se sente incomodado por não ter a sua atenção. A autora comenta que:

A maioria dos alunos é unânime quanto à necessidade de escrever durante as aulas de LIBRAS. Embora reconheçam que o ato da escrita pode incomodar o professor – já que mostra uma desatenção por parte delas –, além de estar em jogo a questão de ele precisar do contato visual para ratificar e ser ratificado na interação[...] (GESSER, 2006, p. 146).

Outro apontamento feito por Gesser (2006) é que em alguns momentos das aulas de Libras (do curso pesquisado por essa autora), o professor surdo pede aos alunos que parem de escrever e olhem para ele. Os alunos atendem ao pedido naquele momento, mas em seguida um grupo de alunas volta a fazer anotações.

Podemos constatar que existe de fato a necessidade do registro dos sinais, tendo em vista que entre as dificuldades apontadas pelos participantes de nossa pesquisa está a de memorizar esses sinais, especialmente pela metodologia que a professora utiliza ao introduzir a prática de Libras, ou seja, de sinais por grupo semântico, como relatou ao citar os conteúdos trabalhados. Para evitar a tensão que envolve a necessidade do registro por parte dos alunos e a condição de atenção que a modalidade de língua exige para sua aprendizagem, o uso da apostila parece ser um recurso considerável.

Apontamos como um dos aspectos positivos a utilização desses recursos didático-visuais durante as aulas de Libras, enfatizado pela professora, nos seguintes termos:

Eu tenho todo o tipo de apoio didático, recursos de multimídias como projetores e laptops que auxiliam nas aulas e são ótimos. Se não tivesse esses recursos à disposição seria muito difícil. Mas, normalmente tenho tudo isso disponível para as aulas. Bem como impressões de materiais, xerox, sempre que deixo na pasta, são providenciadas as cópias. (PL).

A professora de Libras citou vários recursos que considera importantes para o bom andamento das aulas e que a Universidade dispõe de muitos para o uso em suas aulas. Percebemos que estes recursos são previstos desde a organização de suas aulas, quando descreve que:

Primeiro, organizo a parte teórica, os slides com muitos recursos visuais, depois explico o conteúdo e atividades em Libras. Algumas propostas estão nas apostilas que entrego para eles. Depois eles praticam em grupos, a partir de textos ou figuras (PL).

Embora tenha à disposição tantos recursos, a professora colocou a necessidade de um intérprete em sala de aula, visto que sente falta desse apoio durante as suas aulas “para atender as dúvidas dos alunos que às vezes têm receio de perguntar alguma coisa”.

A utilização da língua oral, normalmente é requerida nas aulas mais teóricas. Neste momento é que seria necessária a presença do intérprete. Como destacamos anteriormente, as questões teóricas que envolveriam os aspectos pedagógicos da educação de Surdos são indispensáveis e não podem ficar de fora do programa da disciplina de Libras. Tais aspectos foram encontrados no programa da disciplina de Libras da universidade pesquisada.

No que se refere ao apoio de um intérprete nessas aulas teóricas, quando o professor é Surdo, acreditamos que auxiliaria muita na interação dos alunos com esse docente. Pela fala da professora surda, entrevistada, parece que a dificuldade maior está na insegurança dos alunos diante da necessidade de tirar dúvidas acerca dos conteúdos durante as aulas, como coloca:

[...] então sinto falta desse profissional para que os alunos possam se abrir mais, fazer perguntas, de modo que haja uma troca e uma maior interação (PL).

A professora de Libras, por sua vez não mencionou dificuldade em comunicar-se com os alunos, ou passar o conteúdo. Acreditamos que essa dificuldade, no estudo de caso em questão, não se apresentou, pelo fato de a professora ser oralizada e possuir bom domínio da Língua Portuguesa em suas modalidades oral e escrita, além dos diversos recursos citados.

Sobre o uso da Língua Portuguesa pela professora nas aulas, comentou:

Eu uso mais a oralidade para me comunicar. No início falo mais com eles. Depois que eles já sabem um pouco de Libras aproveito para utilizar os sinais que eles já conhecem como cumprimentar, “oi, tudo bem?” E eles tentam entender, então começo a introduzir mais a Libras no diálogo com os alunos” (PL).

Outro aspecto positivo a destacar, se refere a presença de professores surdos como docentes da disciplina de Libras. Houve expectativa por parte de alguns alunos ao saber que teriam uma professora surda, entre as quais elencamos as seguintes considerações:

Na verdade, houve muitas descobertas, a começar pelo fato de encontrar com a professora surda. É surpreendente descobrir outras formas de comunicação, principalmente a Libras que favorece tanto a educação dos surdos (A18).

Minha professora é surda e a experiência foi riquíssima, visto que além do conteúdo tivemos contato com os pontos de vista, dificuldades e superações dela (A12).

Nota-se, que os alunos participantes atribuem ao professor surdo a importância para a experiência de vida, como representante da própria língua e cultura, tal como argumenta Wilcox e Wilcox (2005, p. 31) ao dizer que a melhor maneira de os alunos conhecerem a cultura Surda, e também a própria língua de sinais, é com um professor que seja Surdo, o que Rebouças (2009, p. 97) chama de “legitimidade natural” do professor surdo.

Além dessa “legitimidade natural” do professor surdo, acreditamos que o contato dos alunos com esse profissional, o conhecimento de suas experiências como surdo, bem como das dificuldades que esse profissional enfrenta, seja pela falta de acessibilidade ou pelo preconceito, possibilita maior sensibilização dos alunos, o que refletirá certamente em sua prática profissional com alunos ou colegas surdos.

Gesser (2009) salienta que a maioria dos cursos universitários que preparam os profissionais para atuar com alunos surdos tendem a dar um enfoque clínico, utilizando-se da narrativa da deficiência, promovendo concepções geralmente simplificadas, construídas a partir de traços negativos como, por exemplo, a falta de língua(gem). Sendo assim, conhecer o surdo como um profissional, docente do ensino superior, contribui para afastar concepções estigmatizadas em relação às pessoas surdas.

Vale ressaltar que o fato de considerarmos o contato com a professora surda como um fator favorável no ensino da Libras não desmerece o trabalho de profissionais ouvintes fluentes em Libras e conhecedores da cultura surda.

Vimos, portanto, vários fatores a serem considerados no ensino da Libras, que podem contribuir com a formação de professores mais capacitados para atuarem

junto a alunos surdos que vão além do domínio da língua ou conhecimento da cultura surda. No que se refere aos fatores favoráveis e os que interferiram no desenvolvimento da disciplina de Libras em nosso estudo de caso, trazemos, a seguir essas e outras conclusões em nossas considerações finais.

Considerações finais

Entre as principais dificuldades encontradas no decorrer da disciplina, destacaram-se: a carga horária ; a quantidade de alunos por turma no período noturno e a consequente dispersão dos alunos; a falta de um intérprete como apoio durante as aulas; o excesso de atividades paralelas pelos alunos; a ausência de referências práticas, que seria proporcionada pelas visitas e/ou estágios em Instituições de Ensino ou outras; e dificuldades relacionadas à aprendizagem da Libras pelos alunos devido a habilidades específicas.

No que diz respeito à insatisfação dos alunos e da professora sobre a carga horária da disciplina, sugerimos que nas turmas posteriores, se colocasse, inicialmente, o objetivo da disciplina aos graduandos para que não criem expectativas com relação ao domínio da língua, mas que haja incentivo por parte de docentes da disciplina para que os alunos busquem uma formação continuada, tal como procedeu a professora de Libras, indicando meios para que os alunos aprofundem os conhecimentos na área.

Quanto à quantidade de alunos por turma há que se reorganizar junto à coordenação do referido curso o modo de atendimento aos alunos, dividindo a turma, se possível para que haja melhor aproveitamento desses alunos, principalmente em relação à prática da língua de sinais. Desse modo, outras dificuldades também poderiam ser sanadas, como a necessidade de intérpretes durante as aulas, tendo em vista que a comunicação fica prejudicada quando se tem muitos alunos em sala, especialmente em se tratando da Libras que é de natureza visual. Nesse caso há restrição à visualização da língua de sinais e as orientações apresentadas pela professora, bem como as oportunidades de interação professor aluno.

Entre os aspectos mais positivos destaca-se a própria didática da professora surda, que utiliza recursos auxiliares, visuais, facilitando o entendimento do conteúdo e possibilitando maior interação entre docente e estudantes; e o contato com a professora surda que favoreceu o conhecimento da cultura surda e experiências de vida comuns entre pessoas surdas, sensibilizando assim os estudantes para o trabalho com alunos surdos.

Esperamos que tais resultados possam contribuir para elucidar aspectos importantes a serem pensados na organização do ensino-aprendizagem de Libras como segunda língua no ensino superior, a fim de que se alcance maior êxito no processo.

Referências

- BOTELHO, Paula. *Linguagem e Letramento na educação dos surdos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- BRASIL. Decreto Federal nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2005.
- DAMÁZIO, M. F. M. *Atendimento Educacional Especializado: pessoa com surdez*. Brasília, DF: SEESP / SEED / MEC, 2007.
- DIAS, V. L.; SILVA, V. A.; BRAUN, P. A inclusão do aluno com deficiência auditiva na classe regular: reflexões sobre a prática pedagógica. In: GLAT, R. (org.). *Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar*. 2. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras Editora, 2009. p. 97-115.
- GESSER, A. “Um olho no professor surdo e outro na caneta”: ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais. 2006. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Unicamp, Campinas, 2006.
- GESSER, A. Do patológico ao cultural na surdez: para além de um e de outro ou para uma reflexão crítica dos paradigmas. In: QUADROS, R. M. de; STUMPF, Marianne R. *Estudos Surdos IV*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.
- MARTINS, V. R. O. Análise das vantagens e desvantagens da Libras como disciplina curricular no ensino superior. *Cadernos do CEOM - Memória, História e Educação*, Chapecó, ano 21, n. 28, 2008.
- NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Caderno de Pesquisa em Administração*, FEA-USP, São Paulo, v. 1, n. 3, 2º sem. 1996.
- PEREIRA, T. L. *Os desafios da implementação do ensino de Libras no ensino superior*. 2008. 94 f. Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2008.
- QUADROS, R. M. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Brasília, DF: MEC; SEESP, 2004.
- QUADROS, R.; KARNOPP, L. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- QUADROS, R. M.; CAMPELLO, A. R. e S. A constituição política, social e cultural da língua brasileira de sinais - Libras. In: VIEIRA-MACHADO, L. M. da C.; LOPES, M. C. *Educação de Surdos: Políticas, Línguas de Sinais, Comunidade e Cultura Surda*. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 2010. p. 15-47.

RAMOS, C. R. *Libras: A Língua dos Sinais dos Surdos Brasileiros*. [S.l.]: E-BOOKS, 2003.

REBOUÇAS, L. S. *A prioridade dos docentes surdos para ensinar a disciplina Língua Brasileira de Sinais (Libras) nas instituições de ensino superior após o decreto 5.626/2005*. 2009. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFBA, Salvador, BA, 2009.

REILY, L. *Escola Inclusiva: Linguagem e mediação*. 3. ed. Campinas: Papirus, 2008.

SOFIATO, C. G. *O desafio da representação pictórica da língua de sinais brasileira*. 2005. 114 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Curso de Artes Visuais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

STROBEL, K. L. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora UFSC, 2008. v. 1.

TAVARES, I. M. S.; CARVALHO, T. S. S. de. *Inclusão escolar e a formação de professores para o ensino de Libras (língua brasileira de sinais): do texto oficial ao contexto*. 2010. Disponível em: [http://dmd2.webfactional.com/media/anais/INCLUSAO-ESCOLAR-E-A-FORMACAO-DE-PROFESSORES-PARA-OENSINO-DE-Libras-\(LINGUA-BRASILEIRA-DE-SINAIS\).pdf](http://dmd2.webfactional.com/media/anais/INCLUSAO-ESCOLAR-E-A-FORMACAO-DE-PROFESSORES-PARA-OENSINO-DE-Libras-(LINGUA-BRASILEIRA-DE-SINAIS).pdf). Acesso em: 12 de set. 2010.

WILCOX, S.; WILCOX, P. P. *Aprender a ver o ensino da língua de sinais americana com segunda língua*. Tradução de Tarcísio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005.